

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo  
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1413-82712024270303>

## Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil

Felipe Vilanova, Damião Soares, Michael de Quadros Duarte, Angelo Brandelli Costa

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.623>

Submetido em: 2020-05-28

Postado em: 2020-05-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**Título:** Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil

**Título Abreviado:** Validade da SDO no Brasil

**Title:** Validity Evidences of the Social Dominance Orientation Scale in the Brazilian Context

**Título:** Evidencias de validez de Escala de Orientación a Dominancia Social en Brasil

**Autores:**

Felipe Vilanova<sup>1</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre

Damião Soares

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre

Michael de Quadros Duarte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre

Ângelo Brandelli Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre

**Endereço para correspondência:** Avenida Ipiranga 6681, Prédio 11, sala 933, Porto

Alegre – RS. CEP: 90619-900. Telefone: (51) 3320-3500. Endereço eletrônico:

[felipevilanova2@gmail.com](mailto:felipevilanova2@gmail.com)

---

<sup>1</sup> Autor correspondente: Felipe Vilanova ([felipevilanova2@gmail.com](mailto:felipevilanova2@gmail.com)). Avenida Ipiranga, 6681, Prédio 11 sala 933.

**Título:** Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil

**Title:** Validity Evidences of the Social Dominance Orientation Scale in the Brazilian Context

**Título:** Evidencias de validez de Escala de Orientación a Dominancia Social en Brasil

**Resumo:** O presente estudo buscou adaptar a SDO<sub>7</sub> para o contexto nacional, propor uma versão reduzida do instrumento, avaliar sua estrutura fatorial e evidências de validade entre grupos. Para tanto, realizou-se coleta de dados online em que participaram 1056 indivíduos de quatro diferentes amostras. Análises fatoriais confirmatórias indicaram os melhores índices de ajuste para a estrutura original de quatro fatores, sendo dois substanciais (Dominância e Anti-Igualitarismo) e dois de método (pró-traço e contra-traço). Os fatores substanciais, denominados “Dominância Social” e “Anti-Igualitarismo”, apresentaram alfa de Cronbach superior a 0,70 em todas as amostras. As versões longa e reduzida da escala apresentaram bons índices de validade de critério entre grupos com correlações altas entre os escores fatoriais dos fatores substanciais e a autocategorização política. Portanto, o instrumento apresentou evidências de validade e fidedignidade para o contexto nacional e podem ser utilizados em estudos futuros.

Palavras-chave: sdo; dominância social; igualitarismo; adaptação

**Abstract:** This study aims to cross-culturally adapt the SDO<sub>7</sub> for the Brazilian context, propose a reduced version of the instrument, assess its factor structure and validity evidences. Participants were 1,056 individuals across four different samples collected online. Confirmatory factor analyses indicated the best fit indices for the original four-factor structure, two substantial (Dominance x Anti-Egalitarianism) and two methodological (pro-trait x counter-trait). The substantial factors had Cronbach's alpha values above 0.70 in all samples. Furthermore, both the long and reduced versions of the scale were highly correlated with political self-categorization. Hence, the instrument in its long and reduced versions displayed good validity and reliability evidences for the Brazilian context and can be used in future studies.

**Key-Words:** sdo; social dominance; egalitarianism; adaptation

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo adaptar transculturalmente la escala SDO<sub>7</sub> para el contexto brasileño, proponer una versión reducida del instrumento, evaluar su estructura factorial y evidencias de validez. Los participantes fueron 1.056 individuos en cuatro muestras diferentes de recolección de datos online. Análisis factoriales confirmatorios indicaron los mejores índices de ajuste para la estructura original de cuatro factores, dos de los cuales son sustanciales (Dominio x Anti-Igualitarismo) y dos son metodológicos (pro-rasgo x contra-rasgo). Los factores sustanciales, llamados "Dominancia social" y "Anti-Igualitarismo", han tenido alfa de Cronbach por encima de 0,70 en todas las muestras. Ambas versiones de la escala presentaron buenas evidencias de validez con altas correlaciones entre los puntajes de los factores sustanciales y la categorización política. Por lo tanto, el instrumento, en sus versiones largas y reducidas, mostró buenas evidencias de validez y confiabilidad para el contexto brasileño y puede usarse en futuros estudios.

Palabras clave: sdo; dominancia social; igualitarismo; adaptación

Com o crescente acúmulo de riqueza em nível global e intensificação das discussões acerca da disparidade econômica foram propostas diferentes teorias para investigar as causas da desigualdade. Uma delas é a Teoria da Dominância Social (Pratto, Sidanius, Stallworth, & Malle, 1994), que está entre as mais utilizadas em pesquisas em psicologia social (Pratto, Sidanius, & Levin, 2006). A teoria é brevemente sistematizada pela primeira vez em 1994 (Pratto et al., 1994) e desenvolvida longamente no livro “Social Dominance” (Sidanius & Pratto, 1999), cujos principais expoentes desde então são os pesquisadores Jim Sidanius e Felicia Pratto. Segundo a teoria, a dominância social consiste no estabelecimento e manutenção de hierarquias entre grupos, considerando as camadas mais altas das sociedades como tendo maior valor social e de fato possuindo materiais e símbolos que as pessoas em geral buscam (Sidanius & Pratto, 1999). O processo da dominância opera em 3 níveis: O nível sistêmico, o nível intergrupar e o nível individual (Sidanius, Levin, Federico, & Pratto, 2001).

No nível individual, a investigação da dominância social se dá via mensuração da “Orientação à Dominância Social” (SDO). SDO é a tendência a apoiar o estabelecimento e a manutenção de relações hierarquizadas na sociedade (Pratto et al., 2006), contribuindo para a continuidade da superioridade econômica e social dos grupos dominantes em relação aos grupos dominados. Ela também prediz preconceito contra vários alvos considerados socialmente “degenerados” (Duckitt & Sibley, 2007) como pessoas obesas, pessoas com diagnóstico de psicopatologia, desempregados, imigrantes, árabes, e no caso do Brasil - em uma das únicas pesquisas realizadas em nosso contexto - , até em relação a nordestinos (Cantal, Milfont, Wilson, & Gouveia, 2015; Duckitt & Sibley, 2007).

A literatura tem apontado que três fatores são centrais para predizer o nível de SDO: 1) Crer que o mundo é competitivo e caracterizado por uma busca desenfreada por recursos (Perry, Sibley, & Duckitt, 2013); 2) Ocupar altos postos nas hierarquias sociais

(Sidanius & Pratto, 1999); 3) Autocategorizar-se na direita política ou concordar com doutrinas conservadoras (Ho et al., 2015). Ao crer que o mundo é uma “selva competitiva” (Perry et al., 2013), tende-se a naturalizar as desigualdades, encarando-as como uma decorrência inevitável da competição social. Já a ocupação de altos postos nas hierarquias sociais tende a estar relacionada sobretudo ao endosso a mitos legitimadores (Sidanius & Pratto, 1999), isto é, crenças que sustentam a justificação moral e intelectual sobre como determinados grupos se relacionam (ex: meritocracia, racismo, destino manifesto). Por fim, a autocategorização na direita política tende a estar associada a opiniões favoráveis à manutenção do *status-quo*. Conseqüentemente, defende-se que a desigualdade na hierarquia social tende a ser parte inerente da condição humana, gerando oposição a ações para reduzi-la (Jost, Glaser, Kruglanski, & Solloway, 2003).

Embora cada vez mais pesquisas sobre a SDO sejam feitas, alguns aspectos metodológicos dessas investigações têm sido questionados. Um dos principais se refere a sua mensuração.

### **Mensuração da SDO**

A primeira escala publicada e desenvolvida para mensurar a SDO, denominada SDO<sub>5</sub>, foi elaborada por Pratto e colaboradores (1994) e composta por 14 itens que compunham um fator único. Os itens da SDO<sub>5</sub> refletiam uma preferência por hierarquias baseadas em grupos e uma visão estratificada de estruturas sociais, enfatizando a desigualdade, o antagonismo e a supremacia dos fortes sobre os fracos. A escala foi testada em 13 amostras e em todas apresentou bons índices de consistência interna além de bons índices de ajuste ao modelo unifatorial que havia sido teoricamente proposto (Pratto et al., 1994). No mesmo estudo (Pratto et al., 1994) foi produzida uma outra versão denominada SDO<sub>6</sub>, que foi composta por 16 itens e que ao invés de se referir a pessoas como na SDO<sub>5</sub>, referiu-se exclusivamente a grupos. Por exemplo, o item que na SDO<sub>5</sub>



era “Algumas pessoas são simplesmente inferiores a outras” (Tradução livre de Pratto et al., 1994, p.760) foi modificado na SDO<sub>6</sub> para “Alguns grupos de pessoas são simplesmente inferiores a outros grupos” (Tradução livre de Pratto et al., 1994, p.763). A SDO<sub>6</sub> foi testada em duas amostras diferentes e apresentou índices de validade convergente e divergente similares à SDO<sub>5</sub>, além de melhores índices de validade de face.

Posteriormente foram realizadas coletas de dados com a SDO<sub>6</sub> em 45 amostras (Sidanius & Pratto, 1999). Em 2 das 45 amostras, uma análise fatorial confirmatória (AFC) demonstrou que um modelo bifatorial apresentou melhores índices de ajuste do que um modelo unifatorial. Um dos fatores do modelo bifatorial foi composto pelos itens pró-traço, enquanto o outro fator foi composto pelos itens contra-traço (invertidos). Os autores (Sidanius & Pratto, 1999) afirmaram que tal resultado merecia considerações futuras mas que eles não dispunham de evidências suficientes para considerar esses dois fatores como construtos independentes, afinal, a bifurcação fatorial parecia ter ocorrido em virtude da diferença de direcionalidade dos itens (itens pró-traço se aglutinando em um fator e itens contra-traço em outro fator). Os autores mantiveram então a utilização da estrutura unifatorial.

No ano seguinte, outro estudo encontrou uma estrutura bifatorial, propondo que os fatores de fato representavam construtos substancialmente diferentes (Jost & Thompson, 2000). Foi apontado que a estrutura bifatorial não só apresentou melhores índices de ajuste (CFI = 0,91) do que o modelo unifatorial (CFI = 0,78;  $\chi^2$ /graus de liberdade = 332,29,  $p < 0,001$ ), como também os dois fatores se correlacionaram com magnitudes significativamente diferentes com variáveis de critério, reforçando a diferença substancial entre eles.

A controvérsia sobre a uni ou bidimensionalidade da SDO<sub>6</sub> foi então amplamente debatida na literatura e as evidências a favor da estrutura bifatorial se tornaram cada vez

mais amplas (Ho et al., 2012). Boa parte da discussão girava em torno da confusão entre substancialidade dos fatores e direcionalidade dos itens, isto é, a dificuldade em discernir se a bidimensionalidade ocorria em virtude da diferença no padrão de respostas induzido pela direcionalidade dos itens (pró-traço x contra-traço) ou pela substancialidade dos fatores. Tal dificuldade surgia porque os itens pró-traço da SDO<sub>5</sub> e SDO<sub>6</sub> pareciam se referir a algo diferente dos itens contra-traço (Jost & Thompson, 2000): Enquanto os itens pró-traço se referiam à dominação explícita de alguns grupos sobre outros (ex: “Para subir na vida, às vezes é necessário pisar em algumas pessoas”; Tradução livre de Pratto et al., 1994, p.760), os itens contra-traço se referiam a um apoio mais sutil a igualitarismo (ex: “Em um mundo ideal, todas as nações seriam iguais”; Tradução livre de Pratto et al., 1994, p.760). Por isso, sugeriu-se que eles poderiam ser respectivamente denominados “Dominância” e “Igualitarismo” (Ho et al., 2012; Jost & Thompson, 2000; Sidanius & Pratto, 1999).

Uma vez que a SDO<sub>6</sub> havia sido proposta no século XX (Pratto et al., 1994) e o debate conceitual em torno da estrutura fatorial havia se intensificado, considerou-se que uma nova versão do instrumento deveria ser proposta. A fim de tornar mais clara a distinção entre a influência da substancialidade dos fatores e da direcionalidade dos itens, a nova versão da SDO deveria ser composta por uma quantidade balanceada de itens pró- e contra-traço que se referissem tanto à dominância quanto ao igualitarismo. Assim, foi proposta a SDO<sub>7</sub> (Ho et al., 2015) pautada na construção balanceada de itens que representassem teoricamente os fatores “Dominância” e “Anti-Igualitarismo” que foram encontrados previamente porém ignorados a princípio (Sidanius & Pratto, 1999).

Além de propor itens balanceados na nova versão da SDO, foi proposta uma solução via análise fatorial para controlar a influência da direcionalidade dos itens sobre a substancialidade dos fatores e vice-versa. A solução consistiu em modelar não apenas

os dois fatores substanciais (Dominância e Anti-Igualitarismo) mas também dois fatores de método. Fatores de método são aqueles utilizados para levar em conta a variância comum a alguns indicadores (Elff & Ziaja, 2018), neste caso, para levar em conta a variância comum associada à direcionalidade dos itens. Assim, um dos fatores de método foi composto por todos os itens pró-traço do instrumento e o outro fator de método foi composto por todos os itens contra-traço do instrumento, não importando qual fator substancial eles compunham. A SDO<sub>7</sub> foi composta então por 4 fatores, sendo 2 substanciais (Dominância x Anti-Igualitarismo) e 2 de método (pró-traço x contra-traço).

Em 7 amostras diferentes (Ho et al., 2015), as análises fatoriais apontaram consistentemente que uma estrutura de 4 fatores era a mais adequada. O conjunto de índices de ajuste desta estrutura foram os melhores em todas as amostras, com CFI variando de 0,94 a 0,98 e RMSEA variando de 0,04 a 0,08, ou seja, sempre apresentando índices aceitáveis.

O fator substancial da Dominância (SDO-D) agrupou itens relacionados à preferência por hierarquias grupais em que há clara opressão a grupos subordinados (ex: “Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade”, tradução de Ho et al., 2015, p.1028). Já a dimensão do Anti-Igualitarismo (SDO-E) agrupou itens relacionados à preferência pela desigualdade entre grupos, rejeitando políticas públicas que reduzam a desigualdade e favorável a crenças que sutilmente reforcem hierarquias sociais (ex: “Nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos”, tradução de Ho et al., 2015, p.1028).

Além de demonstrar que a estrutura de quatro fatores foi a que apresentou os melhores índices de ajuste, foram demonstrados efeitos diferenciais das duas dimensões substanciais do instrumento (Ho et al., 2015). Por exemplo, como a SDO-D está teoricamente relacionada à clara opressão a grupos subordinados, ela se correlacionou

significativamente com o apoio explícito à perseguição de imigrantes, enquanto a SDO-E não se correlacionou. Por outro lado, a SDO-E se correlacionou significativamente com oposição a ações afirmativas, enquanto a SDO-D não se correlacionou. Portanto, a SDO-E está relacionada a medidas sutis de manutenção ou reparação de desigualdades sociais (como as políticas afirmativas) enquanto a SDO-D não está.

### **A SDO no Brasil**

A SDO já foi utilizada no Brasil de maneira assistemática (ex: Cantal et al., 2015; Fernandes, Costa, Camino, & Mendoza, 2007; Fernandes & De Almeida, 2008). Nenhum dos estudos nacionais teve como objetivo principal adaptá-la para o contexto nacional. Até 2016 o índice de Gini, que é uma medida de desigualdade para níveis nacionais e globais, indicava que o Brasil estava se tornando um país com cada vez menos desigualdade de renda, todavia, entre 2016 e 2017 o índice ficou estagnado (Oxfam, 2018). Ademais, o número de pobres cresceu 11% em 1 ano, culminando na queda do Brasil do 10º lugar para o 9º país mais desigual entre 189 países (Oxfam, 2018). A fim de se ter uma medida para o nível individual acerca do apoio da dominação de alguns grupos em relação a outros no Brasil, o objetivo do presente estudo foi adaptar a SDO<sub>7</sub> (Ho et al., 2015) para o contexto nacional, propor uma versão reduzida do instrumento, avaliar sua estrutura fatorial e evidências de validade entre grupos.

### **Método**

#### **Participantes**

Foram avaliados os dados de 4 amostras. A Amostra 1 foi composta por 177 indivíduos com idades entre 18 e 77 anos ( $M=30,07$ ;  $DP=12,12$ ), 50,3% do gênero masculino, que participaram de uma coleta de dados realizada entre junho e agosto de 2018. A Amostra 2 foi composta por 515 indivíduos com idades entre 18 e 75 anos ( $M=31,49$ ;  $DP=12,29$ ), 60,97% do gênero feminino, que participaram de uma coleta de

dados realizada entre dezembro de 2018 e junho de 2019. A Amostra 3 foi composta por 236 indivíduos com idades entre 18 e 79 anos ( $M=31,89$ ;  $DP=14,35$ ), 54,23% do gênero feminino, que participaram de uma coleta de dados realizada entre junho e setembro de 2019. Finalmente, a Amostra 4 foi composta por 128 indivíduos com idades entre 18 e 67 anos ( $M=30,75$ ;  $DP=11,57$ ), 68,75% do gênero feminino, que participaram de uma coleta de dados realizada entre janeiro e dezembro de 2019.

## **Procedimentos**

Após a autorização concedida pelos autores da escala original, iniciou-se o processo de adaptação transcultural da SDO<sub>7</sub> (Ho et al., 2015). A tradução inglês-português foi conduzida independentemente por seis brasileiros nativos e fluentes em inglês. Em seguida, dois especialistas em avaliação psicológica avaliaram os itens traduzidos e selecionaram aqueles que consideraram melhor corresponder à ideia original. Posteriormente foi solicitado a quatro voluntários que se autodenominaram “militantes” de diferentes partes do espectro político (um de esquerda, um de centro-esquerda, um de centro-direita e um de direita) que avaliassem a proposta de adaptação do instrumento levando em conta a compreensão das instruções do questionário, do formato e do método de pontuação, havendo a possibilidade de sugerir uma alternativa às propostas. Em todas as etapas foram levados em consideração os aspectos relevantes para a adaptação transcultural de instrumentos psicológicos (International Test Commission, 2017), tais como equivalência conceitual e idiomática. O método de avaliação da validade de conteúdo utilizado em todas as etapas foi o consenso entre os avaliadores ou os especialistas.

As coletas de dados com a versão brasileira da escala foram realizadas por meio de formulário online. Os participantes foram convidados a responder através de um link de divulgação postado em redes sociais e um anúncio de divulgação da pesquisa foi

gerado para que um maior número de pessoas fosse alcançado. Antes de responder às perguntas do questionário, os indivíduos expressaram sua concordância por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato foi garantido e somente os pesquisadores tiveram acesso aos dados, conforme considerações éticas da Resolução n. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos. A amostra foi recrutada por conveniência. O delineamento do presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa das universidades a que os projetos estão vinculados.

### **Instrumento**

Cada coleta de dados fazia parte de um projeto diferente, então o instrumento completo de cada coleta contava com diferentes questionários. Todavia, em todas as coletas havia as variáveis sociodemográficas gênero, idade, autocategorização política e a versão brasileira da SDO<sub>7</sub> (Ho et al., 2015). Nas Amostras 1, 2 e 3 a autocategorização política foi avaliada através da pergunta “Em qual parte do espectro político você se situaria?” e os participantes podiam escolher uma dentre as opções “Esquerda”, “Centro-Esquerda”, “Centro”, “Centro-Direita”, “Direita” e “Nenhuma”. Já na Amostra 4, a autocategorização política foi avaliada através da pergunta “Qual a sua orientação político-ideológica?” e os participantes podiam escolher uma dentre as opções “Extrema-esquerda”, “Esquerda”, “Centro”, “Direita”, “Extrema-Direita”.

### ***Escala de Orientação à Dominância Social - 7***

A Escala de Orientação à Dominância Social - 7 (Ho et al., 2015) é uma medida de autorrelato composta por 2 fatores substanciais (“Dominância” e “Anti-Igualitarismo”) e 2 fatores de método, conforme detalhado na introdução. Nesse modelo (Ho et al., 2015), a covariância entre fatores substanciais e de método é fixada em 0, impossibilitando correlações entre fatores substanciais e fatores de método (isto é, apenas os fatores substanciais podem se correlacionar entre si e os fatores de método podem se

correlacionar entre si). No estudo original de desenvolvimento, o instrumento apresentou boas propriedades psicométricas ( $CFI > 0,90$ ;  $RMSEA < 0,08$ ;  $\chi^2/\text{graus de liberdade} < 2,00$ ) em sete amostras diferentes, além de boa validade convergente, divergente e de critério entre grupos. Na versão em português da SDO<sub>7</sub> as respostas podiam variar em uma escala *Likert* de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

### **Análise de Dados**

A versão brasileira da SDO<sub>7</sub> foi submetida a Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) para verificar se a estrutura originalmente proposta de 2 fatores substanciais e 2 fatores de método apresentava bons índices de ajuste aos dados das amostras coletadas no contexto brasileiro. O método de estimação utilizado nas AFCs foi o Estimador Robusto de Máxima Verossimilhança (*Robust Maximum Likelihood*). Foram analisados os índices robustos de ajuste RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*; raiz do erro quadrático médio de aproximação), CFI (*Comparative Fit Index*; índice de Ajuste Comparativo), TLI (*Tucker-Lewis Index*; Índice de Tucker-Lewis) e a razão  $\chi^2/\text{graus de liberdade}$  ( $\chi^2/\text{gl}$ ). Considerou-se aceitáveis os valores de RMSEA até 0,06, CFI e TLI iguais ou maiores a 0,95 (Hu & Bentler, 1999) e a razão  $\chi^2/\text{gl}$  menor que 2 (Bollen & Long, 1993). O ponto de corte da carga fatorial para que o item fosse retido no fator foi estabelecido em 0,30 (Tabachnick & Fidell, 2001).

Foram testados os mesmos 4 modelos investigados no artigo de proposição da escala original e que estiveram em disputa ao longo do século XX (Ho et al., 2015), isto é: 1) Modelo unifatorial (Pratto et al., 1994); 2) Modelo composto por 2 fatores substanciais, sendo um constituído pelos itens referentes ao construto Dominância e outro constituído pelos itens referentes ao construto Anti-Igualitarismo (Jost & Thompson, 2000); 3) Modelo composto por 2 fatores de método, sendo um constituído pelos itens pró-traço e o outro pelos itens contra-traço do questionário; 4) Modelo composto por 4

fatores, 2 substanciais e 2 de método. Para verificar se havia diferença estatisticamente significativa nos índices de ajuste dos modelos, foi conduzido o teste de  $\chi^2$  para diferença de modelos.

Para investigação de consistência interna, foram calculados  $\alpha$  de Cronbach dos itens que compuseram os fatores substanciais. Para investigação de evidências de validade de critério entre grupos foram correlacionados os escores fatoriais dos fatores substanciais (obtidos via método de regressão, ver DiStefano, Zhu, & Míndrilã, 2009) com a autocategorização política, pois quanto mais à direita os participantes se autocategorizam, maiores tendem a ser suas pontuações nos fatores Dominância e Anti-Igualitarismo (Ho et al., 2015). A fim de manter a linearidade no espectro político esquerda-direita, foram desconsiderados os participantes que se autocategorizaram na posição “Nenhuma” do espectro político nas Amostras 1, 2 e 3. Assim, nas Amostras 1, 2 e 3 codificou-se a autocategorização política como “Esquerda” = 1, “Centro-Esquerda” = 2, “Centro” = 3, “Centro-Direita” = 4 e “Direita” = 5. Já na Amostra 4, codificou-se a autocategorização política como “Extrema-Esquerda” = 1, “Esquerda” = 2, “Centro” = 3, “Direita” = 4 e “Extrema-Direita” = 5.

### ***Proposição da SDO<sub>7r</sub>***

Como um dos objetivos do artigo é propor uma versão reduzida da SDO<sub>7</sub>, foi adotado um método de redução baseado no estudo original (Ho et al., 2015) e outros estudos que propuseram versões reduzidas com base em AFC (ex: Bizumic & Duckitt, 2019). Adotou-se o seguinte procedimento: Foram investigados os 2 itens pró-traço e os 2 itens contra-traço com maiores cargas fatoriais de cada fator substancial na Amostra 1. Contou-se então com 4 itens do fator Dominância (2 pró-traço e 2 contra-traço) e 4 itens do fator Anti-Igualitarismo (2 pró-traço e 2 contra-traço). Posteriormente, a fim de garantir que os itens com maiores cargas fatoriais eram os que apresentavam as maiores



correlações com a pontuação total do seu respectivo fator substancial, foram avaliadas as correlações item-total. Para avaliar as correlações item-total, os itens contra-traço tiveram sua pontuação invertida.

Obtidos os 8 itens com maiores cargas fatoriais e correlações item-total na Amostra 1, procedeu-se à investigação dos índices de ajuste, da fidedignidade e das evidências de validade de critério entre grupos de sua estrutura fatorial nas outras 3 Amostras. Assim, foi verificado se a estrutura proposta para a versão reduzida da SDO<sub>7</sub> (denominada SDO<sub>7r</sub>) apresentava em todas as amostras valores de RMSEA até 0,06, CFI e TLI iguais ou maiores a 0,95, e a razão  $\chi^2/\text{gl}$  menor que 2, tal qual na sua versão longa. Também foi verificado se as correlações entre os escores fatoriais da SDO<sub>7r</sub> e a autocategorização política seguiam a mesma direção e tamanho de efeito similar aos encontrados na versão longa.

## **Resultados**

### **Adaptação Transcultural**

Após a seleção pelos dois especialistas em avaliação psicológica dos itens traduzidos que melhor correspondiam à ideia dos itens originais, os militantes que se autodenominaram partidários de diferentes partes do espectro político não sugeriram modificações aos itens e unanimemente indicaram que a escala estava compreensível em relação às suas instruções, seu formato e seu método de pontuação. A versão adaptada contou então com a mesma quantidade de itens do instrumento original (16 itens).

### **Estrutura Fatorial**

A estrutura composta por 4 fatores, sendo 2 substanciais e 2 de método, foi a que apresentou os melhores índices de ajuste no contexto nacional em todas as amostras. A diferença entre os índices de ajuste foi confirmada pelo teste  $\chi^2$  para diferença de modelos, que demonstrou que os índices de ajuste da estrutura de 4 fatores foram

significativamente melhores do que os índices das outras estruturas ( $p < 0,05$ ) nas 4 Amostras investigadas. A estrutura de 4 fatores não só apresentou os melhores índices de ajuste aos dados como todas as outras apresentaram índices inaceitáveis considerando as referências de adequação adotadas (Hu & Bentler, 1999; Bollen & Long, 1993), como demonstrado na Tabela 1.

---Inserir Tabela 1---

Os 2 fatores substanciais da estrutura investigada apresentaram bons índices de consistência interna. O  $\alpha$  de Cronbach do fator Dominância foi considerado adequado na Amostra 1 ( $\alpha=0,83$ ; Intervalo de Confiança [I.C.] 95% [0,80 - 0,87]), na Amostra 2 ( $\alpha=0,82$ ; I.C. 95% [0,80 - 0,85]), na Amostra 3 ( $\alpha=0,81$ ; I.C. 95% [0,77 - 0,85]) e na Amostra 4 ( $\alpha=0,79$ ; I.C. 95% [0,73 - 0,84]). O mesmo ocorreu com o fator Anti-Igualitarismo, cujos valores de  $\alpha$  de Cronbach foram adequados na Amostra 1 ( $\alpha=0,90$ ; I.C. 95% [0,87 - 0,92]), na Amostra 2 ( $\alpha=0,85$ ; I.C. 95% [0,83 - 0,86]), na Amostra 3 ( $\alpha=0,80$ ; I.C. 95% [0,75 - 0,83]) e na Amostra 4 ( $\alpha=0,85$ ; I.C. 95% [0,79 - 0,88]). Como os outros 2 fatores eram fatores de método, não há sentido teórico em investigar sua consistência interna.

### **Evidências de Validade de Critério entre Grupos**

A relação encontrada na literatura internacional entre autocategorização política e pontuação nos fatores Dominância e Anti-Igualitarismo foi replicada no contexto brasileiro. Quanto mais à direita os participantes se autocategorizaram, maiores tenderam a ser seus escores fatoriais no fator Dominância na Amostra 1 ( $r(136) = 0,58$  I.C. 95% [0,46 – 0,68];  $p < 0,001$ ), na Amostra 2 ( $r(399) = 0,50$  I.C. 95% [0,43 – 0,57];  $p < 0,001$ ), na Amostra 3 ( $r(203) = 0,53$  I.C. 95% [0,42 – 0,62];  $p < 0,001$ ) e na Amostra 4 ( $r(126) = 0,30$  I.C. 95% [0,14 – 0,46];  $p < 0,001$ ). O mesmo ocorreu com os escores fatoriais do fator Anti-Igualitarismo, em que quanto mais à direita os participantes se

autocategorizaram, maiores tenderam a ser suas pontuações na Amostra 1 ( $r(136) = 0,60$  I.C. 95% [0,48 – 0,69];  $p < 0,001$ ), na Amostra 2 ( $r(399) = 0,47$  I.C. 95% [0,39 – 0,54];  $p < 0,001$ ), na Amostra 3 ( $r(203) = 0,46$  I.C. 95% [0,34 – 0,56];  $p < 0,001$ ) e na Amostra 4 ( $r(126) = 0,42$  I.C. 95% [0,27 – 0,56];  $p < 0,001$ ).

### **Versão Reduzida**

As cargas fatoriais dos itens da SDO<sub>7</sub> na Amostra 1 estão representadas na Tabela 2. Observa-se que os itens pró-traço com maiores cargas fatoriais no fator Dominância foram os itens 3 (“Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade”) e 2 (“Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade”), enquanto os itens contra-traço com maiores cargas fatoriais foram os itens 6 (“Nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade”) e 8 (“O princípio de que um grupo deve dominar outro é ruim”). Já no fator Anti-Igualitarismo, os itens pró-traço com maiores cargas fatoriais foram os itens 12 (“Nosso objetivo principal não deveria ser a igualdade entre grupos”) e 11 (“É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais”), enquanto que os itens contra-traço com maiores cargas fatoriais foram os itens 16 (“Nosso ideal deveria ser a igualdade entre grupos”) e 15 (“Não importa quanto esforço seja necessário, nós devemos nos esforçar para assegurar que todos os grupos tenham as mesmas chances na vida”).

---Inserir Tabela 2---

Os itens pró- e contra-traço com maiores cargas fatoriais tenderam a apresentar também as maiores correlações item-total nos fatores substanciais, como demonstrado na Tabela 3. No fator Dominância, os itens pró-traço com maiores correlações foram os itens 3 e 2, cujos valores das correlações item-total foram respectivamente 0,86 e 0,78. Dentre os itens contra-traço deste fator, aqueles com maiores correlações foram os itens 6 e 8,

ambos com correlação item-total de 0,72. Já no fator Anti-Igualitarismo, os itens pró-traço com maiores correlações foram os itens 12 e 11 ambos apresentando correlação item-total no valor de 0,72. Dentre os itens contra-traço deste fator, aqueles com maiores correlações foram os itens 16 e 14, apresentando correlações item-total de respectivamente 0,84 e 0,79. Portanto, a única exceção à correspondência entre maior carga fatorial e maior correlação item-total foi o item 14, que apresentou a segunda maior correlação item-total entre os itens contra-traço do fator Anti-Igualitarismo, mas não uma das duas maiores cargas fatoriais.

---Inserir Tabela 3---

Como 7 dos 8 itens com maiores cargas fatoriais nos seus fatores substanciais também apresentaram as maiores correlações item-total, priorizou-se o critério da carga fatorial. Assim, a versão da  $SDO_{7r}$  a ser testada nas amostras subsequentes foi composta pelos itens 2, 3, 6 e 8 no fator Dominância e pelos itens 11, 12, 15 e 16 no fator Anti-Igualitarismo. Para testar a estrutura que havia apresentado melhores índices de ajuste (4 fatores) em sua forma reduzida, modelou-se também os fatores de método. O primeiro fator de método foi composto pelos itens pró-traço dentre os selecionados para a versão reduzida (itens 2, 3, 11 e 12) e o segundo fator de método foi composto pelos itens contra-traço (6, 8, 15 e 16). Tal estrutura apresentou bons índices de ajuste na Amostra 1 (RMSEA = 0,00 I.C. 90% [0,00 – 0,06], CFI = 1, TLI = 1,  $\chi^2/gf = 0,61$ ), na Amostra 2 (RMSEA = 0,03 I.C. 90% [0,00 – 0,07], CFI = 1, TLI = 0,99,  $\chi^2/gf = 1,33$ ), na Amostra 3 (RMSEA = 0,02 I.C. 90% [0,00 – 0,08], CFI = 1, TLI = 1,  $\chi^2/gf = 1,06$ ) e na Amostra 4 o software não conseguiu conduzir a análise. A  $SDO_{7r}$  também apresentou bons índices de fidedignidade, uma vez que o  $\alpha$  de Cronbach do fator Dominância foi considerado adequado na Amostra 1 ( $\alpha=0,85$ ; I.C. 95% [0,82 - 0,89]), na Amostra 2 ( $\alpha=0,84$ ; I.C. 95% [0,82 - 0,86]), na Amostra 3 ( $\alpha=0,82$ ; I.C. 95% [0,78 - 0,85]) e na Amostra 4 ( $\alpha=0,82$ ;

I.C. 95% [0,76 - 0,87]). O mesmo ocorreu com o fator Anti-Igualitarismo, que apresentou valores adequados de  $\alpha$  de Cronbach na Amostra 1 ( $\alpha=0,86$ ; I.C. 95% [0,82 - 0,89]), na Amostra 2 ( $\alpha=0,81$ ; I.C. 95% [0,78 - 0,83]), na Amostra 3 ( $\alpha=0,74$ ; I.C. 95% [0,69 - 0,79]) e na Amostra 4 ( $\alpha=0,81$ ; I.C. 95% [0,75 - 0,85]). Portanto, a SDO<sub>7r</sub> apresentou bons índices de ajuste aos dados e de fidedignidade.

Também foi analisada a validade de critério entre grupos da versão reduzida. Tal qual na versão longa, os escores fatoriais do fator Dominância se correlacionaram positivamente, e com a magnitude semelhante, com a autocategorização política no espectro esquerda-direita na Amostra 1 ( $r(136) = 0,50$  I.C. 95% [0,36 – 0,61];  $p < 0,001$ ), na Amostra 2 ( $r(399) = 0,54$  I.C. 95% [0,47 – 0,60];  $p < 0,001$ ) e na Amostra 3 ( $r(136) = 0,57$  I.C. 95% [0,47 – 0,65];  $p < 0,001$ ). O mesmo ocorreu com os escores fatoriais do fator Anti-Igualitarismo, que se correlacionaram positivamente com a autocategorização política no espectro esquerda-direita na Amostra 1 ( $r(136) = 0,45$  I.C. 95% [0,31 – 0,58];  $p < 0,001$ ), na Amostra 2 ( $r(399) = 0,49$  I.C. 95% [0,42 – 0,56];  $p < 0,001$ ) e na Amostra 3 ( $r(136) = 0,46$  I.C. 95% [0,34 – 0,56];  $p < 0,001$ ). Não foi possível realizar a correlação dos escores fatoriais e a autocategorização política na Amostra 4 porque a AFC não encontrou uma solução para a versão reduzida do modelo, conseqüentemente não conseguiu gerar escores fatoriais para serem correlacionados.

### **Discussão**

O instrumento apresentou evidências de validade e de fidedignidade para o contexto nacional, estando disponível tanto em sua versão longa como reduzida no link ([https://osf.io/py2sz/?view\\_only=adeca431d9284de0b2e844915e6fe5a5](https://osf.io/py2sz/?view_only=adeca431d9284de0b2e844915e6fe5a5)). A partir de um processo que envolveu mais de 10 pesquisadores, entre tradutores, especialistas e militantes, além das 4 amostras investigadas ( $n_{total} = 1.056$ ) o instrumento apresentou bons índices de ajuste ao modelo de quatro fatores e boa validade de critério, uma vez que

quem se autocategorizou na direita política apresentou maior tendência a favorecer a dominância e o anti-igualitarismo, conforme estabelecido na literatura (Pratto et al., 1994; Sidanius & Pratto, 1999). Como a composição dos fatores foi a mesma do estudo original, as duas dimensões substanciais do construto podem ser definidas da mesma forma: Dominância (SDO-D), como a preferência por hierarquias grupais em que há clara opressão a grupos subordinados, e Anti-Igualitarismo (SDO-E) como a preferência pela desigualdade entre grupos, favorável a crenças que sutilmente reforcem hierarquias sociais e rejeitando políticas públicas que reduzam a desigualdade (Ho et al., 2015).

Todos os itens originalmente propostos foram retidos porque apresentaram cargas fatoriais acima de 0,30 em seus fatores substanciais. Ademais, os resultados das análises fatoriais apontaram que nem os fatores de método nem os fatores substanciais são negligenciáveis para obter bons índices de ajuste aos dados. Tanto na estrutura unifatorial, como na estrutura composta por 2 fatores substanciais e na estrutura composta por 2 fatores de método os índices de ajuste foram inaceitáveis. Demonstra-se, portanto, que a SDO é fortemente influenciada tanto pela direcionalidade quanto pelo conteúdo dos itens, sendo a estrutura de 4 fatores a única adequada.

O tamanho de efeito das correlações entre os escores fatoriais dos fatores substanciais e a autocategorização política foram altas nas 4 amostras investigadas. Variando de 0,30 a 0,60, mostrou-se consistentemente que quanto mais à direita os participantes se autocategorizaram, mais eles tenderam a demonstrar preferência por hierarquias e desigualdades grupais. Deve-se ressaltar que na Amostra 4 a correlação com a autocategorização política apresentou os menores tamanhos de efeito em comparação às outras 3 amostras, tanto no caso dos escores do fator Dominância ( $r = 0,30$ ) quanto do fator Anti-Igualitarismo ( $r = 0,42$ ). A diferença provavelmente ocorreu porque a pergunta e as opções de respostas utilizadas para investigar o espectro político na Amostra 4 foram

diferentes das utilizadas nas outras 3 amostras. Assim, recomenda-se que estudos futuros não utilizem a escala de autocategorização política da Amostra 4, composta por “Extrema-esquerda”, “Esquerda”, “Centro”, “Direita”, “Extrema-Direita”. Tal espectro tende não só a naturalizar a autocategorização em extremos políticos, como também reduzir a correlação com construtos como Dominância e Anti-Igualitarismo. Como alternativa, sugere-se a investigação da autocategorização política por meio das opções “Esquerda”, “Centro-Esquerda”, “Centro”, “Centro-Direita”, “Direita” e “Nenhuma”, como utilizada nas 3 primeiras amostras.

As correlações entre os escores fatoriais e a autocategorização política apresentaram a mesma direção e tamanhos de efeitos semelhantes tanto na  $SDO_7$  quanto na  $SDO_{7r}$ , isto é, nas versões longa e reduzida do instrumento. Enquanto na versão longa os tamanhos de efeito variaram entre 0,30 e 0,60, na versão curta eles variaram entre 0,45 e 0,57. Os índices de consistência interna dos fatores substanciais também foram semelhantes entre as duas versões, uma vez que na versão longa o  $\alpha$  de Cronbach variou entre 0,79 e 0,90 e na versão curta variou entre 0,74 e 0,86. Portanto, foi encontrada uma congruência entre a  $SDO_7$  e a  $SDO_{7r}$ .

Apesar das potencialidades, algumas limitações do presente estudo devem ser levadas em conta. Na proposição da versão reduzida do instrumento não houve uma congruência completa entre os itens com maior carga fatorial e maior correlação item-total. Enquanto 7 dos 8 itens apresentaram maiores cargas fatoriais e maiores correlações item-total, um deles não seguiu esse padrão. Todavia, foi priorizado o critério da carga fatorial por ser o mais comumente utilizado. Também não foi possível verificar os índices de ajuste da estrutura de 4 fatores da versão reduzida do instrumento na Amostra 4. Isso provavelmente ocorreu porque a amostra ( $n = 128$ ) tem um tamanho insuficiente para convergir um modelo com poucos indicadores (8 itens) e diversas especificações (4

fatores e covariância entre fatores substanciais e de método fixadas em 0), impossibilitando que uma solução fosse encontrada para o modelo especificado. Por fim, não foram usadas outras escalas adaptadas para o contexto brasileiro para fins de verificação da validade convergente e divergente de construtos relacionados à SDO. Estudos futuros devem buscar mais evidências de validade do instrumento, podendo utilizar instrumentos já adaptados para o contexto nacional como a Escala de Preconceito contra Diversidade Sexual e de Gênero (Costa, Machado, Bandeira, & Nardi, 2016) ou a Escala de Autoritarismo de Direita (EAD; Vilanova, DeSousa, Koller, & Costa, 2018).

O instrumento também pode ser utilizado para melhor caracterizar o espectro político brasileiro, uma vez que há poucos estudos nacionais que tenham feito isso. Por exemplo, poder-se-ia utilizar os escores do fator ‘Tradicionalismo’ da Escala de Autoritarismo de Direita (Vilanova et al., 2018) em conjunto com a SDO<sub>7</sub> para diferenciar os liberais e conservadores que se autocategorizam como parte da direita política. Como o Tradicionalismo mensura o apoio a padrões e valores morais tradicionais (Vilanova, Milfont, Cantal, Koller, & Costa, 2019), aqueles que se identificam como conservadores podem tender a ter altos escores tanto no fator ‘Tradicionalismo’ da EAD como na dimensão SDO-D da SDO<sub>7</sub>. Já os liberais podem ter baixos escores no fator ‘Tradicionalismo’ e escores maiores na dimensão SDO-E da SDO<sub>7</sub>.

Finalmente, conclui-se que a versão brasileira tanto da SDO<sub>7</sub> como da SDO<sub>7r</sub> pode ser utilizada em estudos futuros que busquem avaliar o apoio a medidas que mantêm as desigualdades tanto de maneira mais explícita (pela SDO-D) quanto de maneira mais sutil (pela SDO-E). Dada a crescente desigualdade que o país passa, é possível que o estudo da orientação à dominância social possa contribuir significativamente para o entendimento do contexto nacional.



## Referências

- Bizumic, B., & Duckitt, J. (2018). Investigating right wing authoritarianism with a very short authoritarianism scale. *Journal of Social and Political Psychology* 6(1):129-150. doi: 10.5964/jspp.v6i1.835
- Bollen, K., & Long, J. (1993). *Testing structural equation models*. Newbury Park, CA: Sage.
- Cantal, C., Milfont, T. L., Wilson, M. S., & Gouveia, V. V. (2015). Differential effects of right-wing authoritarianism and social dominance orientation on dimensions of generalized prejudice in Brazil. *European Journal of Personality*, 29(1), 17-27. doi: 10.1002/per.1978
- Costa, A. B., Machado, W. L., Bandeira, D. R. & Nardi, H.C. (2016). Validation Study of the Revised Version of the Scale of Prejudice Against Sexual and Gender Diversity in Brazil. *Journal of Homosexuality*, 63(11), 1446–1463. doi: 10.1080/00918369.2016.1222829
- DiStefano, C., Zhu, M., & Mindrila, D. (2009). Understanding and using factor scores: Considerations for the applied researcher. *Practical Assessment, Research, and Evaluation*, 14(1), 20. doi: <https://doi.org/10.7275/da8t-4g52>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right wing authoritarianism, social dominance orientation and the dimensions of generalized prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113–130. doi:10.1002/per.614
- Elff, M., & Ziaja, S. (2018). Method factors in democracy indicators. *Politics and Governance*, 6(1), 92-104. doi: 10.17645/pag.v6i1.1235
- Fernandes, S. C., & De Almeida, S. S. (2008). Mensuração e análise dos níveis de orientação à dominância social. *Psicologia em Foco*, 1(1), 1-7.

Fernandes, S., Costa, J., Camino, L., & Mendoza, R. (2007). Valores psicossociais e orientação à dominância social: um estudo acerca do preconceito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 490-498. doi: 10.1590/S0102-79722007000300017

Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., ... & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: Theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO<sub>7</sub> scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 109(6), 1003. doi: 10.1037/pspi0000033.sup

Ho, A.K., Sidanius, J., Pratto, F., Levin, S., Thomsen, L., Kteily, N., & Sheehy-Skeffington, J. (2012). Social dominance orientation: Revisiting the structure and function of a variable predicting social and political attitudes. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38, 583–606. doi: 10.1177/0146167211432765

Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1–55. doi:10.1080/10705519909540118

International Test Commission. (2017). The ITC Guidelines for Translating and Adapting Tests (Second edition). Recuperado em: 06 abr. 2020, de <[https://www.intestcom.org/files/guideline\\_test\\_adaptation\\_2ed.pdf](https://www.intestcom.org/files/guideline_test_adaptation_2ed.pdf)>.

Jost, J. T., & Thompson, E. P. (2000). Group-based dominance and opposition to equality as independent predictors of self-esteem, ethnocentrism, and social policy attitudes among African Americans and European Americans. *Journal of Experimental Social Psychology*, 36(3), 209-232. doi: 10.1006/jesp.1999.1403

Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin*, 129(3), 339–375. doi:10.1037/0033-2909.129.3.339

Oxfam (2018). *País Estagnado: Um Retrato das Desigualdades Brasileiras*. Recuperado de <https://www.ethos.org.br/cedoc/oxfam-brasil-publica-relatorio-pais-estagnado-um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/> [Acessado em 26 de Abril de 2020]

Perry, R., Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2013). Dangerous and competitive worldviews: A meta-analysis of their associations with Social Dominance Orientation and Right-Wing Authoritarianism. *Journal of Research in Personality*, 47(1), 116–127. doi:10.1016/j.jrp.2012.10.004

Pratto, F., Sidanius, J., & Levin, S. (2006). Social dominance theory and the dynamics of intergroup relations: Taking stock and looking forward. *European Review of Social Psychology*, 17(1), 271–320. doi:10.1080/10463280601055772

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741–763. doi:10.1037/0022-3514.67.4.741

Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social dominance: An intergroup theory of social hierarchy and oppression*. New York: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9781139175043

Sidanius, J., Levin, S., Federico, C. M., & Pratto, F. (2001). Legitimizing ideologies: The social dominance approach. In J. T. Jost & B. Major (Eds.), *The psychology of legitimacy: Emerging perspectives on ideology, justice, and intergroup relations* (p. 307–331). Cambridge University Press.

Tabachnick, B.G., & Fidell, L.S. (2001). *Using multivariate statistics*. Boston: Allyn and Bacon.

Vilanova, F., DeSousa, D.A., Koller, S.H., & Costa, A.B. (2018). Adaptação Transcultural e Estrutura Fatorial da Versão Brasileira da Escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1299-1316. doi: 10.9788/TP2018.3-07Pt

Vilanova, F., L. Milfont, T., Cantal, C., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2019). Evidence for Cultural Variability in Right-Wing Authoritarianism Factor Structure in a Politically Unstable Context. *Social Psychological and Personality Science*, 194855061988203. doi:10.1177/1948550619882038

Tabela 1.

*Índices de Ajuste dos Modelos Investigados na SDO<sub>7</sub>*

Amostra	Modelo	RMSEA	$\chi^2/df$	CFI	TLI	Teste $\chi^2$ para Diferença de Modelos		
						Diferença $\chi^2$	Graus de Liberdade	<i>p</i> -valor
Amostra 1	1 fator	0,16	4,27	0,68	0,63	4,95	104	0,03
	2 fatores substanciais	0,12	3,00	0,82	0,78	123,06	103	< 0,001
	2 fatores de método	0,15	4,18	0,73	0,68	127,55	103	< 0,001
	4 fatores	0,05	1,39	0,97	0,96	-	-	-
Amostra 2	1 fator	0,12	5,72	0,77	0,74	26,16	104	< 0,001
	2 fatores substanciais	0,10	4,19	0,85	0,83	151,87	103	< 0,001
	2 fatores de método	0,11	5,09	0,81	0,78	151,98	103	< 0,001
	4 fatores	0,06	2,30	0,96	0,94	-	-	-
Amostra 3	1 fator	0,11	2,97	0,78	0,75	9,59	104	0,002
	2 fatores substanciais	0,07	1,85	0,91	0,89	40,23	103	0,001
	2 fatores de método	0,10	2,82	0,80	0,77	130,70	103	0,001
	4 fatores	0,05	1,63	0,95	0,93	-	-	-
Amostra 4	1 fator	0,15	3,07	0,62	0,57	12,01	104	< 0,001
	2 fatores substanciais	0,14	2,87	0,73	0,69	119,72	103	< 0,001
	2 fatores de método	0,12	2,46	0,79	0,76	-58,32	103	< 0,001
	4 fatores	0,06	1,36	0,96	0,95	-	-	-

Tabela 2.

*Cargas Fatoriais dos Itens da SDO<sub>7</sub> na Amostra 1*

#Item	Fator	
	Dominância	Anti-Igualitarismo
1	0,46**	
2	0,58**	
3	0,67**	
4	0,42**	
5	-0,31*	
6	-0,79**	
7	-0,53*	
8	-0,78**	
9		0,68**
10		0,63**
11		0,78**
12		0,80**
13		-0,38*
14		-0,54**
15		-0,64**
16		-0,82**

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,001$ .

Tabela 3.

*Correlações Item-Total nos Fatores Substanciais da Amostra 1*

#Item	Correlação Item-Total	
	Dominância	Anti-Igualitarismo
1	0,61	
2	0,78	
3	0,86	
4	0,55	
5	0,30	
6	0,72	
7	0,48	
8	0,72	
9		0,68
10		0,64
11		0,72
12		0,72
13		0,69
14		0,79
15		0,76
16		0,84

### **SDO<sub>7</sub>**

**Instruções aos pesquisadores de como usar o instrumento:** Como a estrutura fatorial do instrumento é atípica, sendo composta por fatores substanciais e de método, é importante ressaltar como ele deve ser utilizado. Caso o objetivo do estudo seja obter médias aritméticas para comparação entre grupos, deve-se calcular as médias dos itens com base em seus fatores substanciais. Assim, para obter a média do fator Dominância na versão longa do instrumento, deve-se primeiro inverter a pontuação (respostas 7 na escala serem recodificadas como 1, e vice-versa, respostas 6 na escala serem recodificadas como 2, e vice-versa, e respostas 5 na escala serem recodificadas como 3, e vice-versa) dos itens contra-traço que o compõem (Itens 5, 6, 7 e 8) e em seguida calcular a média aritmética dos itens 1 a 8. O mesmo deve ser feito com relação ao fator Anti-Igualitarismo, em que deve-se primeiro inverter a pontuação dos itens contra-traço (Itens 13, 14, 15 e 16) e depois calcular a média aritmética dos itens 9 a 16. Na versão reduzida (SDO<sub>7r</sub>), para obter a média do fator Dominância deve-se inverter a pontuação dos itens 3 e 4 desta versão e depois calcular a média aritmética dos itens 1 a 4. Já para obter a média do fator Anti-Igualitarismo na versão reduzida, deve-se inverter a pontuação dos itens 7 e 8 e calcular a média aritmética dos itens 5 a 8. Entretanto, ressalta-se que a comparação entre grupos pode também ser feita por escores fatoriais, os quais apresentam vantagens psicométricas e podem ser obtidos via diversos softwares de análises de dados.



**SDO<sub>7</sub> – Versão Longa**

*Por favor marque o quanto você concorda ou discorda de cada ideia abaixo indicando um número de 1 a 7. Você pode responder rapidamente, a sua primeira impressão geralmente é a melhor.*

#Item		Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Não concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	Alguns grupos devem ser mantidos em seus devidos lugares na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
2	Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
3	Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
4	Alguns grupos de pessoas são simplesmente inferiores a outros na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
5	Grupos em posições inferiores na sociedade merecem tanto quanto grupos que estão em posições superiores.	1	2	3	4	5	6	7

6	Nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
7	Grupos em posições inferiores na sociedade não deveriam ter que permanecer como estão.	1	2	3	4	5	6	7
8	O princípio de que um grupo deve dominar outro é ruim.	1	2	3	4	5	6	7
9	Nós não deveríamos promover a igualdade entre os grupos.	1	2	3	4	5	6	7
10	Não deveríamos tentar garantir que todos os grupos tenham a mesma qualidade de vida.	1	2	3	4	5	6	7
11	É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais.	1	2	3	4	5	6	7
12	Nosso objetivo principal não deveria ser a igualdade entre os grupos.	1	2	3	4	5	6	7
13	Nós deveríamos trabalhar para oferecer a todos os grupos chances iguais de serem bem-sucedidos.	1	2	3	4	5	6	7
14	Deveríamos fazer o possível para assegurar	1	2	3	4	5	6	7

---

	condições iguais para os diferentes grupos.							
15	Não importa quanto esforço seja necessário, nós devemos nos esforçar para assegurar que todos os grupos tenham as mesmas chances na vida.	1	2	3	4	5	6	7
16	Nosso ideal deveria ser a igualdade entre grupos.	1	2	3	4	5	6	7

---

**SDO7 – Versão Reduzida**

*Por favor marque o quanto você concorda ou discorda de cada ideia abaixo indicando um número de 1 a 7. Você pode responder rapidamente, a sua primeira impressão geralmente é a melhor.*

#Item		Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Não concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
2	Uma sociedade ideal exige que alguns grupos estejam em posições superiores e outros estejam em posições inferiores na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
3	Nenhum grupo deveria ser dominante na sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
4	O princípio de que um grupo deve dominar outro é ruim.	1	2	3	4	5	6	7
5	É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais.	1	2	3	4	5	6	7
6	Nosso objetivo principal não deveria ser a igualdade entre os grupos.	1	2	3	4	5	6	7
7	Não importa quanto esforço seja necessário, nós devemos nos esforçar para assegurar que todos os grupos tenham as mesmas chances na vida.	1	2	3	4	5	6	7
8	Nosso ideal deveria ser a igualdade entre grupos.	1	2	3	4	5	6	7

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.